Dom Bosco, um sorriso para o mundo

QUARTO LIVRO

Dom Bosco, um padre diferente

"O dinheiro ou a vida!"

DOM BOSCO vez ou outra ia visitar os irmãos dele, Antônio e José, em Becchi, onde nasceu.

Um dia, estava andando distraído por perto da aldeia, de repente, um homem pula na sua frente e grita:

– O dinheiro ou a vida!

Dom Bosco leva um susto. Aí, tentando se acalmar, olha bem para o ladrão...

– Antônio! Mas será possível? Você tinha prometido parar com isso.

Pois é. Antônio era um preso que tinha sido catequizado na cadeia de Turim. E olhe que só tinha saído da prisão por recomendação do próprio Dom Bosco.

– Xi, Dom Bosco! Não tinha reconhecido o senhor. Por favor, me desculpe, vai.

– Desculpa só não basta, Antônio. Você precisa é deixar essa vida. Pare de roubar as pessoas.

– Eu prometo! Eu prometo!

– Promessa também não basta. Venha pra cá, e vamos começar logo com uma boa confissão.

– Está bem, eu me confesso. Se o senhor quiser, agora mesmo. Só tem um probleminha...

– O que foi agora, Antônio?

– Sabe, é que não estou preparado.

– Está bem, está bem. Eu vou prepará-lo. Mas com uma condição: você tem que prometer a Deus que nunca mais vai assaltar ninguém e que vai mudar de vida.

– Combinado. Eu prometo.

Dom Bosco senta-se à beira do caminho. Ajoelhado à sua frente, Antônio se confessa, e o padre lhe dá a absolvição.

Alguns dias depois, Dom Bosco consegue um emprego para Antônio. Dali em diante, ele se tornou um homem de bem, um bom cristão e um ótimo pai de família.

Uma ajuda do céu

UMA MULTIDÃO de jovens sempre procurava Dom Bosco em busca de comida e de um lugar para dormir.

Eram de verdade muitos, e sempre chegava mais.

O nosso padre agora conta com a ajuda de sua mãe, Margarida, que veio morar com ele. Os dois bem que tentam, mas não conseguem abrigar tanta gente. Ufa! Até na cozinha tem menino dormindo!

Dom Bosco percebe que precisa de outra casa, urgente.

Bem perto dali, encontra uma que parece boa.

Decidido, vai conversar com a proprietária.

Mas o aluguel está muito alto. Conversa daqui, conversa dali, mais uma vez Deus resolve ajudar o padre amigo dos jovens.

Bem na hora em que está conversando com a dona, começa a chover forte. Um temporal. Raios e trovões fazem a casa toda tremer.

A mulher, que morria de medo de tempestade, vira-se para o padre e diz:

– Padre, acabe com esses raios, e eu alugo a casa pelo preço que o senhor puder pagar.

Dom Bosco não perde tempo:

– Muito obrigado! Fique sossegada, eu pedirei a Deus que a proteja, agora e sempre.

Logo a tempestade se acalma e o céu fica claro novamente.

O contrato é fechado por um preço muito bom. Todo contente, Dom Bosco vai contar a novidade à sua mãe e aos jovens. Muito felizes, todos dão graças a Deus.

Polenta milagrosa

CERTO DIA, um homem pobre procura Dom Bosco no Oratório.

Triste, conta sua história: tem quatro filhos que não comem desde o dia anterior. As crianças ficaram em casa, chorando de fome.

Dom Bosco se compadece. Procura, procura, mas só acha quatro moedas. Uma ninharia, que entrega ao pobre homem, com sua bênção.

Depois que o visitante vai embora, Dom Bosco diz para um auxiliar que estava por perto:

– Coitado. Se eu pudesse, daria a ele cem moedas, porque tudo o que ele me disse é verdade.

– Como o senhor tem certeza disso?

– Li no coração dele. É um homem bom, só está na miséria por infelicidade.

Algum tempo depois, por acaso, o auxiliar encontra de novo o mesmo homem, que lhe diz:

– Sabe o que fiz com aquelas quatro moedas? Comprei fubá e preparei uma bela polenta, que deu pra todos. Matou a fome de todo mundo.

Entusiasmado, o homem continua:

– E tem mais. Com a bênção de Dom Bosco, eu logo encontrei trabalho, e agora estamos felizes e satisfeitos. Tudo melhorou.

E contou também que, na casa dele, só chamavam Dom Bosco de "o padre da polenta".

Pílulas de pão

CERTO DIA, aflita, uma família de Turim corre pedir ajuda a Dom Bosco. O pai estava muito doente, com uma febre altíssima, que nenhum remédio conseguia baixar.

Sempre prestativo, ele vai até à casa do doente. Ouve sua confissão e lhe dá a comunhão. Antes de sair, deixa uma caixinha de pílulas, com a recomendação de que o doente tome uma por dia.

Mas tem uma coisa: para cada pílula que tomar, o doente deve rezar três salve-rainhas a Nossa Senhora.

Em poucos dias, o doente está curado.

Todos ficam admirados. O que aconteceu?

Curioso, o farmacêutico resolve fazer uma minuciosa análise das pílulas. Espantado, descobre que não passam de miolo de pão!

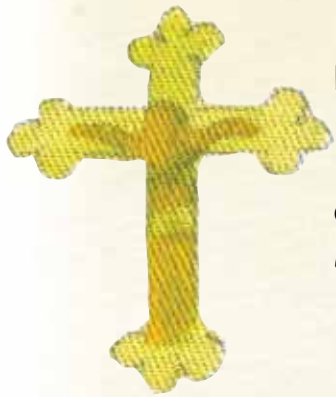
Repete várias vezes o teste, busca a ajuda de um médico... E o resultado é sempre o mesmo! É pão, sem a menor dúvida.

O homem, já totalmente curado, visita Dom Bosco e lhe conta toda a história, que, aliás, já estava na boca de todo mundo.

Dom Bosco esclarece:

– E quem disse que não era pão?! Mas as três salve-rainhas é que fizeram efeito!

Adeus, bronquite!



ACONTECEU QUE Dom Bosco pegou uma bronquite fortíssima. Ficou muito, muito doente.

Um colega seu, o padre Borel, lhe fazia companhia o tempo todo. Um dia, convida o amigo para rezar. Mas Dom Bosco, bem fraco, não abre a boca.

O padre Borel continua rezando:

– Meu Deus, se for da vossa vontade, fazei com que ele sare, que fique bom.

Dom Bosco não diz nada.

O bondoso padre Borel insiste:

– Senhor, eu vos peço, em nome desses meninos que ele ama tanto, ajudai-o, agora!

Nesse momento, Dom Bosco acorda e reza junto:

– Senhor..., se for do vosso desejo, curai-me.

O padre Borel fica feliz. Era isso que faltava!

Dom Bosco dorme e acorda bom.

Os médicos ficam espantados. Como pôde ficar bom, assim, tão rápido?!

E então vem a festa.

No domingo seguinte, os meninos acomodam Dom Bosco numa cadeira bem macia e passeiam com ele pela praça, até à igreja, felizes da vida pela sua recuperação.

Ele sabia de tudo

CERTA VEZ, enquanto Dom Bosco celebrava a missa, dois jovens saíram escondidos para nadar num rio ali perto.

Dizem que estavam brincando na água quando, misteriosamente, uma mão invisível deu várias palmadas nos dois. Palmadas fortes, um verdadeiro castigo.

Assustados e chorando, eles voltam e se atiram aos pés de Dom Bosco, pedindo perdão. Sabem que as palmadas só podiam ser dele.

Claro que Dom Bosco os perdoa. Mas antes aproveita para dar uns bons conselhos para eles.

E os dois nunca mais se esquecem da lição.

Numa outra vez, Dom Bosco precisava viajar.
Saiu acompanhado pelo senhor Bocca, um comerciante local, deixando o Oratório nas mãos de um amigo seu, o padre Carpano.

Durante a viagem, ele vira para o senhor Bocca e diz:

– O irresponsável do Carpano deixou meus meninos sozinhos!

Isso é uma coisa que Dom Bosco não admite.
Ele acha fundamental ter sempre alguém perto dos meninos.

De volta a Turim, o senhor Bocca encontra Carpano e diz, bem sério:

– No domingo, o senhor se ausentou do Oratório para cuidar de coisas particulares.

– Quem foi que lhe disse? – fala o espantado Carpano.

– Dom Bosco!

– Alguém contou pra ele! Quero saber quem foi o traidor!

Depois, conversando com Dom Bosco, Carpano entendeu o que tinha acontecido. Percebeu que o nosso padre tinha visto tudo. Ele sabia de tudo.

Humildemente, Carpano pediu desculpas.

Noite das castanhas

UMA NOITE, Dom Bosco e sua mãe, Margarida, resolveram preparar castanhas cozidas para os jovens, uma das comidas que eles mais apreciavam.

Mamãe Margarida compra três sacos de castanhas, mas cozinha apenas meio saco, achando que daria para todos.

Dom Bosco ia distribuindo generosamente as castanhas aos jovens, que tinham formado uma grande fila.

A mãe vê aquilo e diz:

– Vá com calma. Não dê tanto assim pra cada um!

– Não temos três sacos? – pergunta Dom Bosco.

– Mas eu só cozinhei meio saco!

– Agora que comecei, vou até o fim! – responde Dom Bosco.

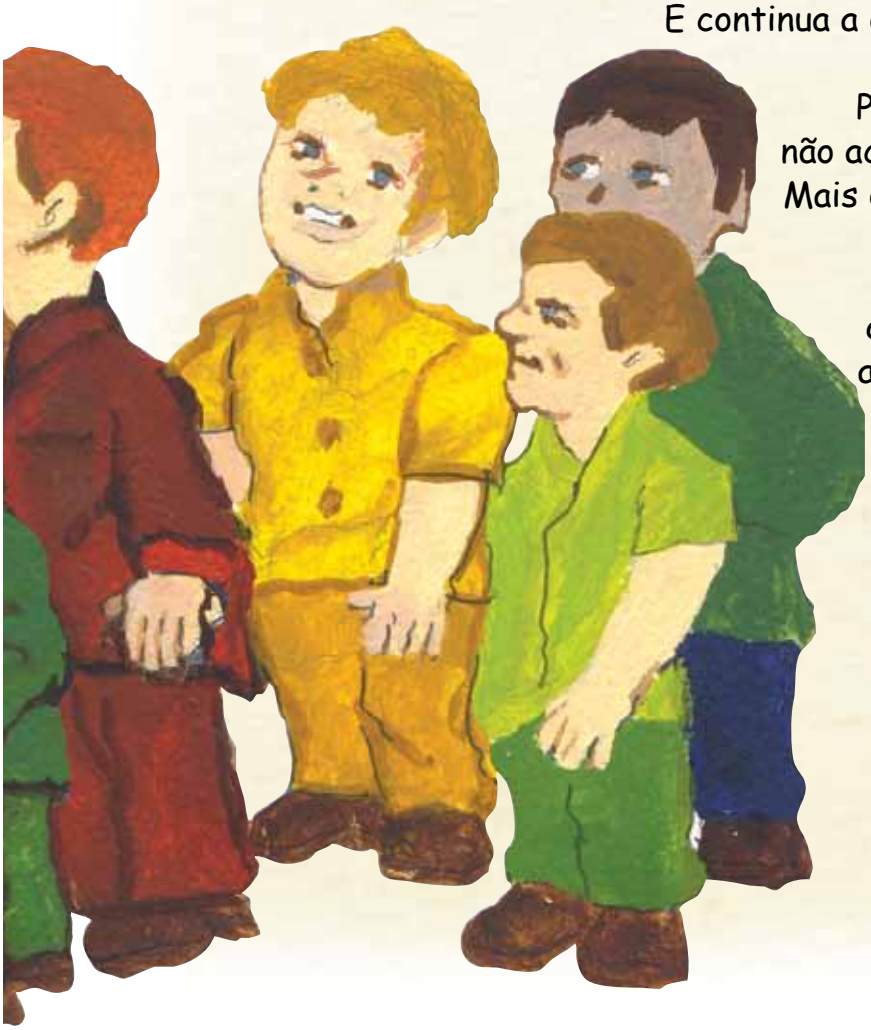
E continua a dar um bom punhado de castanhas para cada um.

Claro que o cesto começa a esvaziar. Os jovens do final da fila ficam inquietos, achando que não vai sobrar castanhas para eles.

Mas Dom Bosco, sempre tranquilo, diz:

– Calma, calma. As melhores estão no fundo!

E continua a distribuição.



Por mais que tire, as castanhas não acabam. Todos são servidos. Mais de seiscentos jovens!

Naquela noite, corre o boato que Dom Bosco multiplicou as castanhas. Um milagre!

Dom Bosco, admirado com toda aquela agitação, explica:

– Foi Nossa Senhora!
Foi Nossa Senhora!

Até hoje, na Itália, em muitos Oratórios e casas salesianas, é costume distribuir castanhas no dia de Todos os Santos, 1º de novembro.

Hóstias para todos

ERA UM BELO dia da Natividade da Virgem Maria. No Oratório, mais de seiscentos jovens já tinham se confessado e esperavam a comunhão.

Mas, justo naquele dia, o sacristão que ajudava Dom Bosco tinha se esquecido de providenciar hóstias.

Na hora da comunhão, Dom Bosco percebe que há poucas hóstias. Não dá para aquele mundão de jovens.

O que fazer?

Olha para o céu e pede ajuda. Começa a dar a comunhão com aquele punhadinho de hóstias.

Mas... inacreditável!

As hóstias se multiplicam em suas mãos, e nenhum dos jovens fica sem comungar.

Depois, quando os rapazes lhe perguntam como tinha conseguido aquilo, ele responde, tranquilo:

– Vocês acham que um simples esquecimento do sacristão iria impedir que Jesus entrasse em seus corações?!

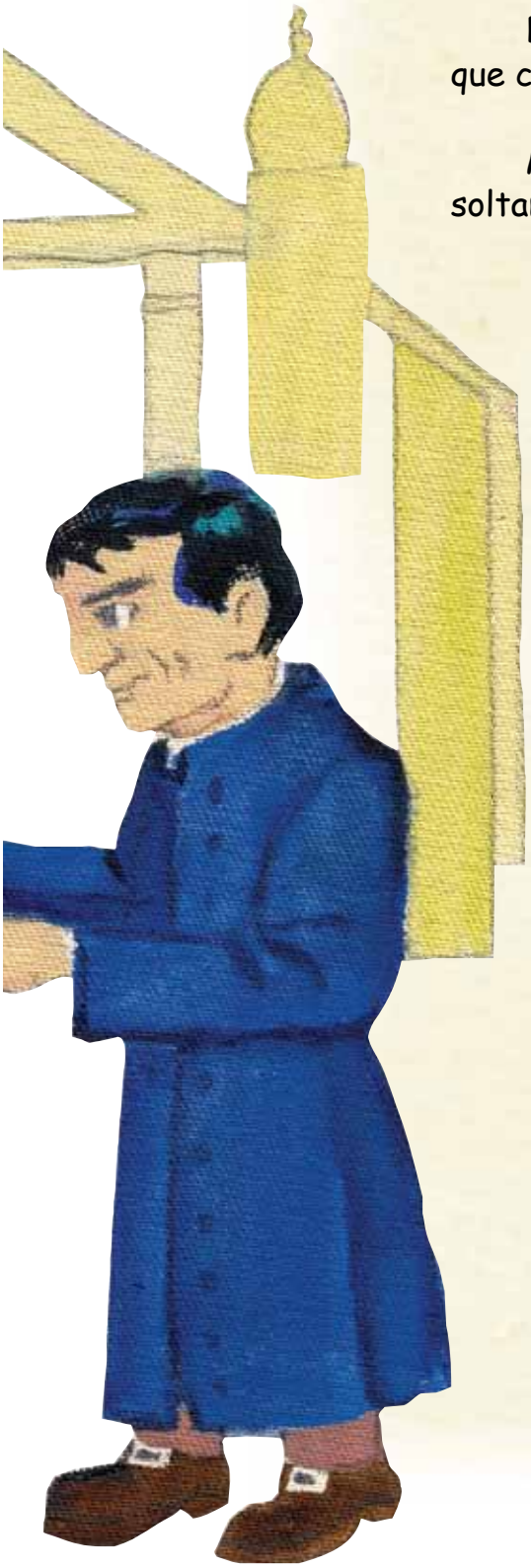
Palavrão por vinho

DOM BOSCO percebeu que precisava construir uma igreja para reunir todos os seus jovens.

Mas cadê o dinheiro?

A mãe o alerta sobre isso, porém ele insiste:

– Deus vai me ajudar! Ele me ajuda sempre!



E, rapidinho, põe mãos à obra.
Chama um engenheiro e, juntos, fazem o projeto.

Depois, contrata uns trinta pedreiros,
que começam o trabalho.

Mas alguns desses homens, às vezes,
soltam palavrões muito feios.

Dom Bosco não gosta disso.
Sempre os adverte, e eles se desculpam, dizendo:

– É nosso modo de trabalhar, Dom Bosco.
Não é por maldade. É hábito.

– Pois vamos combinar uma coisa. Se vocês
não soltarem mais nenhum palavrão, no sábado,
eu vou dar um vinho bem gostoso para vocês.

A promessa cala os trabalhadores.

Não dizem mais nenhum palavrão.

E durante o tempo da obra, todos
os sábados, Mamãe Margarida lhes traz
um barrilzinho de vinho, que tomam com prazer.

– Puxa, dona Margarida, que vinho
tão gostoso é esse?

– É o vinho do santo nome de Deus
– ela responde.

E Dom Bosco, lá de sua sala, sorri satisfeito
com a resposta da mãe.

Saquinho mágico

DOM BOSCO não parava.

Agora queria comprar uma casa perto da igreja, para ampliar seu Oratório. Mas é uma casa cara, e ele, mais uma vez, não tem dinheiro.

Dom Bosco, no entanto, não desiste. Até que um dia o dono da casa, o senhor Pinardi, chega e lhe diz:

– Se o senhor quiser mesmo, eu lhe vendo a casa! Pode mandar alguém avaliá-la.

É o que ele faz, imediatamente. Depois, volta a falar com o senhor Pinardi.

– Olha, disseram que vale 30 mil liras. Está bem?

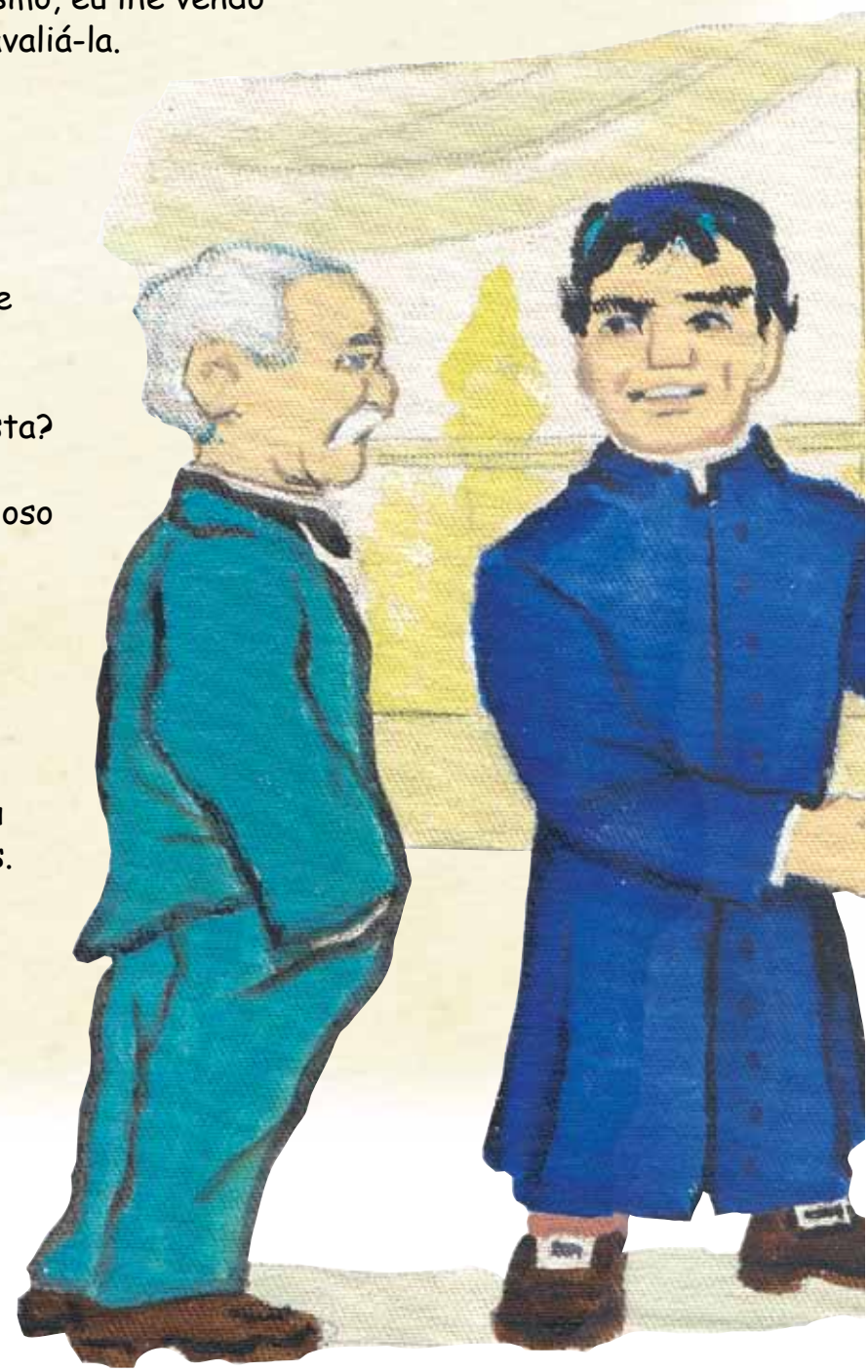
– O senhor me paga à vista?

– Sim – responde o corajoso Dom Bosco.

Agora, o problema é arranjar o dinheiro.

Um amigo de Dom Bosco – o abade Rosmini – prometeu dar 20 mil liras para as obras.

Mas, e o resto? Ainda faltam 10 mil liras!

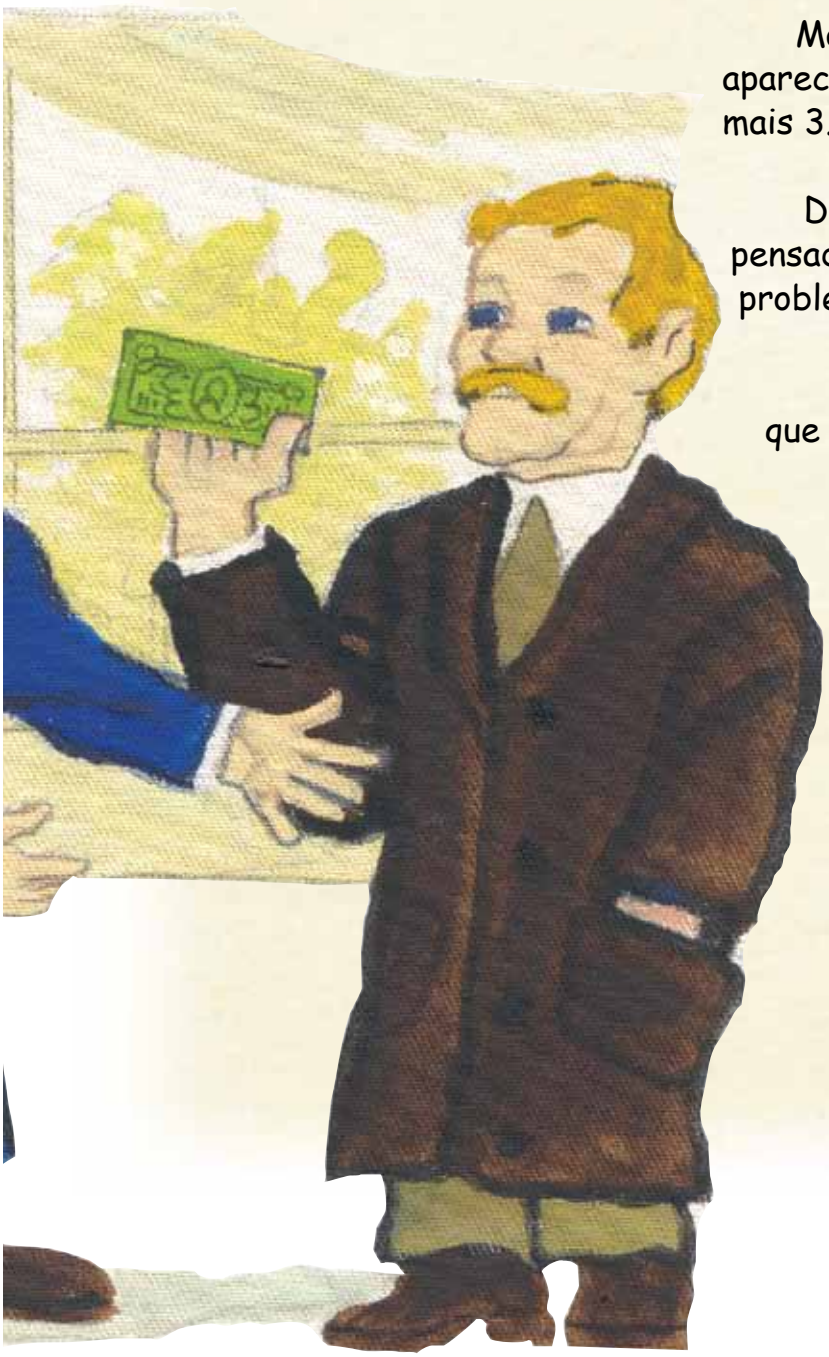


A própria Providência Divina cuidaria disso.

Uma generosa condessa parece adivinhar a aflição de Dom Bosco e lhe manda uma doação. Sabe quanto? Dez mil liras! Exatamente.

– Graças a Deus! – diz nosso padre.

E lá vai ele procurar o dono da casa, com as benditas 30 mil liras num saquinho.



Mas, na hora de assinar a escritura, aparece outro problema: são necessárias mais 3.500 liras para as despesas.

Dom Bosco, que não tinha pensado nisso, logo transforma aquele problemão numa brincadeira.

Fica sacudindo o saquinho que tem nas mãos, dizendo:

– Olhem só, aposto que vão cair as liras que faltam.

Todos acham engraçado e, então, o próprio tabelião diz:

– Está bem, Dom Bosco. As 3.500 liras que faltam ficam por minha conta.

– Não falei, não falei? A Providência Divina não iria me deixar nesse aperto!

Chuva de cacetadas

COMO JÁ SE FALOU tantas vezes, havia pessoas que não gostavam de Dom Bosco. Era gente que não via com bons olhos o que ele fazia pelos meninos. Um dia, prepararam uma armadilha para ele.

Era tarde da noite, quando chamaram Dom Bosco para confessar uma falsa doente. Ele vai, mas leva junto quatro dos seus rapazes mais fortes. Dois ficam na porta e dois entram com o padre no quarto da mulher, que geme sem parar. Dentro do quarto, estão também quatro homens, muito mal-encarados.

Logo que vê Dom Bosco, a doente, que sabia fingir muito bem, grita:

– Antes de confessar, quero que tire daqui esse bandido que falou mal de mim.

E aponta para um dos homens com cara de bravo.

– Eu não saio daqui – grita o bandido.

E começa uma grande confusão.

Todos gritam e, de repente, a luz se apaga.

Era isso que eles queriam.

Os homens pegam uns paus e partem para cima de Dom Bosco.

Mas o nosso herói, esperto, já desconfiava daquilo.

Agarra uma cadeira e a enfia na cabeça,
como se fosse um escudo. As cacetadas não o atingem.

Os dois jovens que estavam do lado de fora, ouvindo a barulheira, arrombam a porta e, junto com os outros dois, tiram Dom Bosco dali.

E assim Dom Bosco
escapa com seus meninos
daquela chuva de cacetadas.

Um vira-lata chamado Cinzento

DOM BOSCO saía muito à noite. Visitava doentes e estava sempre perto de quem precisava de uma conversa, de um conselho.

Numa dessas noites, escura e chuvosa, dois ladrões o atacam no meio do caminho.

– Não grite, padre, pois será pior para o senhor.

Nisso, aparece um grande cão cinzento. O animal rosna, ameaça e ataca os bandidos que, apavorados, fogem correndo. Em seguida, o cão volta para perto de Dom Bosco, abanando o rabo e fazendo festa.

Dom Bosco o chama de Grigio, que quer dizer cinzento, em italiano. E Cinzento se torna um fiel companheiro, protegendo, acompanhando e guardando sempre o bondoso padre.